

FABRÍCIO CARPINEJAR

Tão EU, Tão VOCÊ



Ilustrações Ana Pez

edelbra

Tão EU,
Tão VOCÊ

2ª edição

Ilustrações: Ana Pez

Projeto gráfico: Victória Piffero

Revisão: Mônica Ballejo Canto

C298t Carpinejar, Fabrício, 1972 –
Tão eu, tão você / Fabrício Carpinejar ; ilustrações
Ana Pez. – 2.ed. – Porto Alegre: Edelbra, 2021.
96 p : il. ; 13,5 x 20,5 cm.

ISBN 978-65-5750-024-8

1. Literatura brasileira – crônicas. I. Ana Pez, il. II.
Título.

CDU 821.134.3(81)-94

Catálogo na fonte: Paula Pêgas de Lima CRB 10/1229

2021

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida

ou copiada, por qualquer meio,

sem a permissão por escrito da editora.

FABRÍCIO CARPINEJAR

Tão EU,
Tão VOCÊ

Ilustrações Ana Pez

edelbra

edelbra



*Esta é a biografia do meu
olhar paterno. Se não é
real, foi por um detalhe.*

edelbra

APRESENTAÇÃO

O que um pai quer (ou pode) dizer à sua filha? Esta a grande interrogação do pensar de Carpinejar neste livro em que o coração se abre, em que a memória se torna lembrança, em que as palavras trançam a vida. Ser pai é tornar-se no outro. Ser pai é permitir-se, emprestar-se à condição da paternidade, desejada ou não, que sempre é compromisso ou comprometimento. E aquilo que se é, que se quer, nem sempre é sintonia naquele que nasceu de nós.

Tão outro que o outro é.

As crônicas (ou a enorme crônica) que compõem este livro são, assim, carta que vem de um tempo passado, que se lança ao presente e que pretende futuros: o do pai, que busca refazer o contato fragilizado com a filha mais velha; o da filha, que se pretende escuta, mas que também solta seu verbo em carta, em e-mail, em letra de música. Aqui há duas vozes, dois olhares sobre a relação pai-filho e suas possibilidades de espelhamentos.

Tão pai, tão filha.

Assim, se o pai se constrói como pai no próprio ato de dizer seus erros, a filha também se assenhora da pa-

lavra e se reconstrói como ser de escolhas (talvez nem tão livres assim, mas apenas as possíveis para aquele mundo no qual soçobra meio sozinha, meio inventada, como percebe o pai). O pai lastima, redimensiona-se; a filha escuta, resgata-se.

Tão questionadora, tão repleta de perguntas.

Fabrizio e Mariana se tornam personagens de uma história deles, mas que pode ser a de outros também. Palavras, parece dizer o autor em sua confissão paternal, são mesmo nós que se atam (e nos prendem), que se desatam (e nos tornam). E se o verbo revela, o silêncio também fala, feito enigma exigente de decifração: “Meu silêncio é inteiro e somente seu”.

Este livro é, assim, resgate. Resgate que busca ultrapassar a experiência e ser comunicante a todo pai, a toda filha ou filho. Na tentativa última, quem sabe, de que a palavra e o toque sempre ultrapassem o silêncio.

Tantos sorrisos, todos nossos.

CAIO RITER

edelbra





edelbra

ENGANO, ESTRANHOS

Minha filha está completando 21 anos. É a sua maioridade e eu não saí da infância.

Sou uma criança que se tornou pai. Um pai indefeso. Um pai inseguro.

Um pai que viveu pedindo empréstimos de paternidade para ser seu pai.

Nunca fracassei, acho que não fui compreendido.

Mas todo mundo que fracassa acha que não foi compreendido. Então, fracassei.

Eu tive várias chances e agi errado na maioria delas.

Você é imensamente parecida comigo, e não aproveitei as semelhanças para perpetuar os traços.

Você ri para trás, balança a cabeça antes de dizer não, debocha quando se emociona: tudo eu, tudo você.

Você distorce o discurso a seu favor, prende-se numa palavra qualquer para ter razão, esquece o contexto, não perdoa a mágoa: tudo eu, tudo você.

Você prefere ter uma infância triste a ser uma adulta feliz: tudo eu, tudo você.

Somos absolutamente iguais e absolutamente distantes.

O que nos separa é a semelhança.

Ser muito igual ao que a gente não gosta é assustador. Não tem como se aproximar.

Você não me ama porque não se ama ainda. Ou inventa um amor para fortalecer a oposição.

Não estou com nenhuma doença séria para sensibilizá-la, não vou morrer nos próximos anos para derubar os traumas e atalhar o perdão.

Não há um câncer em mim para apressar seu abraço, para garantir a telepatia dos cuidados e sua atenção silenciosa.

Estamos com saúde e a reconciliação com saúde é a mais difícil.

Não existe chantagem emocional, suborno; temos a ideia de que a vida será longa e o ódio não é definitivo.

O tempo não nos apavora.

Fantasei adoecer várias vezes para que você atendessem ao telefone. Tão eu, tão você.

Tocada pelo impacto da notícia, talvez deixasse seu ninho com o marido, sem antes reclamar que estou aprontando novamente.

Diria que recebi resultado de um exame e que você precisaria cuidar de seu irmão.

Não faria nenhuma graça, nenhuma piada, mante-

ria um tom sério e pausado, com o barulho nítido da colherinha tocando o fundo da porcelana.

Você sopraria seu café com leite me olhando pela fumaça. Como costuma fazer. Sempre criando uma parede entre nós.

Mas não podemos nos reaproximar por compaixão. Morrer não é se despedir, morrer é abandonar. E não vou abandoná-la.

Eu me orgulho que não sinta pena de mim, jamais me diminui para que sentisse pena.

Prefiro que pense que sou megalomaniaco, orgulhoso, prepotente, egoísta, do que um pobre coitado.

A raiva é um merecimento. A crítica é um merecimento. O desaforo é um merecimento.

Que diga que sou imprestável a dizer que não sirvo para nada.

Imprestável é sinônimo de incorrigível. Não serve para nada é sinônimo de coitado.

Até para ser descartado exijo condições.

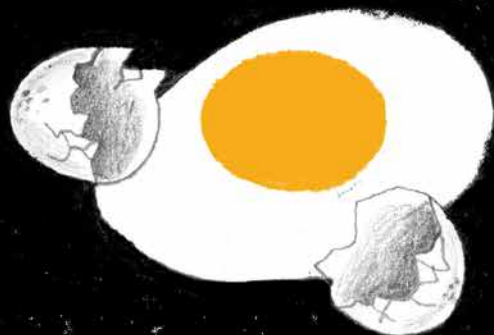
Já estou brigando. Tão eu, tão você.

É se declarar um pouco, baixar a guarda, e já nos armamos de novo.

Nossa vulnerabilidade dura alguns instantes. O tempo de nossa palavra doce é o tempo de um beijo, depois cobrimos os lábios com veneno e musgo.



edelbra



Somos duas pessoas que se arrependem rápido demais ao contar os segredos.

A gente conta e já quer a devolução, já mata a amizade, pois não confiamos em ninguém.

Nem na gente.

Eu não confio em mim. Você não confia em si.

Somos desconfianças treinadas.

Deixamos de nos falar quando viajei para Argentina.

Eu errei com você.

Você veio morar comigo pela primeira vez aos 17 anos, o que tanto sonhei, o que tanto esperei, ter finalmente minha filha ao meu lado, e não correspondi suas expectativas.

Sabe o que pensei?

Como tinha vivido enclausurada no apartamento com a sua mãe, com os horários censurados e controlados, com pouco acesso para festas e amizades, decidi lhe garantir vida própria.

Eu lhe ofereci liberdade e você entendeu que era desleixo de minha parte.

Eu lhe ofereci independência e você entendeu que não queria ficar por perto.

Você desejava ser cuidada, chateada, incomodada pela minha presença, e eu me classificando como um

pai bacana, legal, desencanado, disposto a inspirar que se emancipasse e encontrasse suas afinidades com o mundo.

Você dedicada a recuperar o tempo comigo e eu me dedicando a que recuperasse o tempo com os outros.

Sugeri que viajasse para fazer um intercâmbio, estudar lá fora, exercitar o espanhol, concluir algum curso na Espanha ou na Argentina.

Você me via apenas lhe empurrando para fora de casa. Para fora de minha vida.

Como um embargo. Assim você se enxergava: alguém sem um lugar definitivo, uma residência, migrando infinitamente no circo dos empregos provisórios e casamentos desfeitos de seus pais.

Você foi para a Argentina. Eu jurei que seria redentor, que você aprenderia a sair e a escolher, que aprenderia a voltar para mim. Não voltou. Não recuperamos o relacionamento.

Não tinha como pular da superproteção para a vulnerabilidade completa – eis o meu maior engano.

Era como mudar de um internato para uma comunidade hippie.

Pai medeia conflitos, eu estabeleci novos.

Quando retornou para Porto Alegre, já estava decidida a morar com seu namorado na casa dos pais dele.

Desistiu do curso de Psicodrama em Buenos Aires, após dez meses. E desistiu de encenar que era minha filha.

Ficou na cabeça que eu privilegiava minhas mulheres.

Que eu oferecia tudo para meu romance, e o que sobrava de tempo alcançava para você.

Que, no fundo, eu queria ficar a sós com a minha mulher da época.

Não é verdade, mas tampouco é mentira.

Eu me esgotei em minhas relações. Assim que terminei um casamento de treze anos, o mais estável e equilibrado, não reeditei a continuidade harmoniosa de um casamento. Foram mais três companhias. Como não funcionava, brigava demais, desesperava-me demais, angustiava-me demais. Não oferecia nem a mim mesmo uma atmosfera sadia e pacífica para então oferecer a você. Assumo o pecado da minha absurda irritação. Resumia, não tinha paciência para ouvir suas versões e suas perguntas intermináveis.

Falhei ao lhe chamar para morar comigo quando eu estava na casa da vó.

O apartamento demorou a ser comprado. Aceitei financiar um espaço com seu quarto dividido com o irmão. Um disparate para uma adolescente.

Deveria ter recusado a oferta e perseguido uma casa maior, para preservar a sua privacidade.

Minha paternidade sempre foi dar um jeitinho. Concordo que não levei você como minha exclusividade, minha prioridade, por assumir tudo ao mesmo tempo com minha fome centralizadora: da minha atribulada vida amorosa e da minha concorrida vida profissional, com palestras e viagens e realização do maior número de trabalhos para pagar as dívidas.

Eu peço desculpa, Mariana. Você nunca esteve verdadeiramente comigo para desejar ir embora.

MENSAGEM DE MARIANA AOS 13 ANOS

Fabrício Carpinejar é o meu pai. É escritor. Mas não se atreveu, em nenhum livro publicado, a falar coisas que não pretende revelar para ninguém. Parece que essa tarefa (intrigante) sobra para os filhos. Ou melhor, para a filha mais velha. No caso, meu único irmão, Vicente, só tem quatro anos: ele ainda não sabe escrever.

O essencial da vida íntima de Carpinejar: muito além de palestras e piadas da hora. Muito além dos olhos alheios. Dos livros. Do que a realidade do dia a dia pode mostrar. Histórias abstratas e realidades fatais serão lembradas.

O que é esquecido não deixou de ter existido. E pode causar impacto quando comentado novamente. Por trás das poesias está o espanto, a alegria. A aurora da infância. Os vultos de risos distantes. As coisas que nascem na base de primeiras vezes. Poesia é só um esconderijo. Um casaco potente no frio arrasador de inverno. Um abismo de memórias mortas.

edelbra

TANTOS, POUCO

Não há amor que possa ser mais insistente do que o seu.

Terminou comigo várias vezes, voltou para mim várias vezes. Vulcão adormecido, aguardando uma devastação definitiva.

Você sempre teve a ânsia de me revelar, de me trazer, de me explicar.

Como se eu fosse um escrevendo e outro vivendo.

Sempre vivi o que escrevi. Nunca descansei a mão sobre o papel.

Esta será sua grande decepção: não existe um Fabrício diferente. Vai procurar e cansar de procurar e só achará o mesmo pai que escolheu ser amigo quando tinha que ser pai e foi pai quando tinha que ser amigo.

Restará se contentar com a minha pobreza de carne e osso.

Pareço mais porque venho de sua imaginação. Porque é mais confortável supor que existem Fabrícios a serem descobertos, vá que um seja do seu gosto, do seu agrado.

Seu ódio é achar que escondo algo. Não sou fundo assim, profundo assim, enigmático assim.

Quando me olha, já parte para decifrar o que estou pensando, o que estou fazendo, o que estou decidindo.

Faço até pose pensativa para transmitir distância. Mas estou apenas retribuindo o seu olhar.

Se você gritar, eu grito junto.

Se você rir, eu estarei rindo junto.

Se você chorar, estarei chorando junto.

Um pai precisaria perguntar o que está acontecendo, eu aconteço junto.

edelbra

MENSAGEM DE MARIANA AOS 13 ANOS

Não posso contrariar que o meu pai é muito criativo para recrear os filhos. Na minha infância, Fabrício criou diversos “personagens”. Os tais tratam-se de interpretações que meu pai fazia comigo: ele virava outras pessoas animadas. Virava seres temáticos, com o objetivo de me ensinar alguma coisa.

O personagem Professor Caramujo foi a maior meta para a minha alfabetização. Fabrício colocava um certo agasalho cinza com capuz. Quando o capuz estava sobre a sua cabeça, o homem que estava lá dentro não era mais meu pai: era o Professor Caramujo. Lembro-me da alegria dos ditados realizados: “de tão bons”, era colada uma estrelinha de nota 10. Meu colega foi meu boneco. Como ele era imóvel, sempre ganhava “bordaodas de Caramujo”, por não escrever direito.

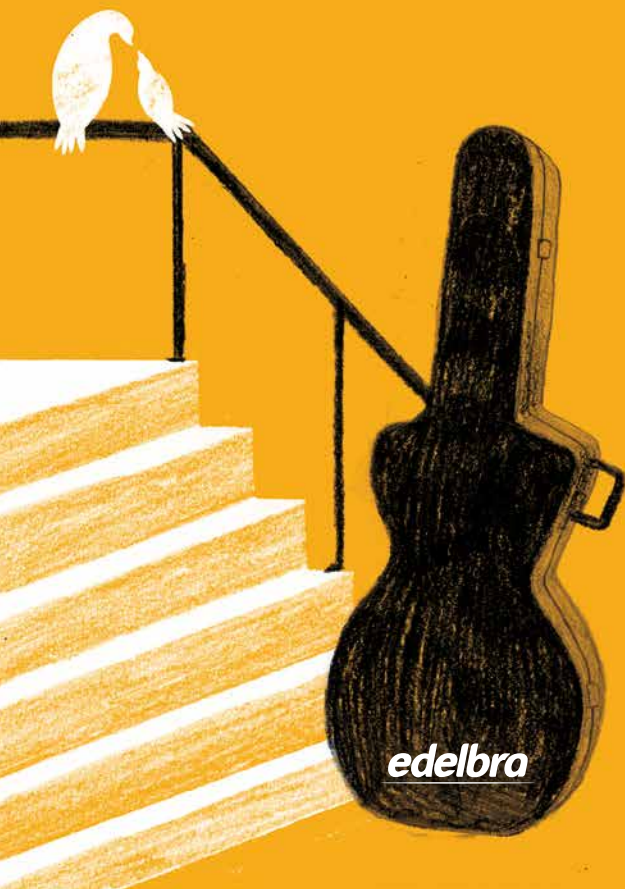
Dentre os outros personagens, estão:

Cochicho: para eu falar mais alto (sem cochichar); Quebra-Osso: para eu abraçar sem apertar as pessoas (o personagem abraçava muito forte); Sapato-de-Genete: me levava para a cama; Alérgico: o personagem fa-

ISBN: 978-65-5750-024-8



“Fabrício Carpinejar é o meu pai. É escritor. Mas não se atreveu, em nenhum livro publicado, a falar coisas que não pretende revelar para ninguém. Parece que essa tarefa (intrigante) sobra para os filhos. Ou melhor, para a filha mais velha. (...) Histórias abstratas e realidades fatais serão lembradas.”



edelbra